

Quatro Novíssimos

Com o fim da Guerra, em 1945, Sacilotto voltou do Rio para São Paulo, onde reencontrou seus companheiros do Instituto Profissional e fez novas amizades no meio artístico. Logo a primeira exposição foi articulada. Carlos Scliar levou alguns desenhos seus, juntamente com trabalhos de Grassmann, Octávio Araújo e Andreatini para o Rio, conseguindo acertar para abril de 46 uma mostra dos quatro no Instituto dos Arquitetos do Brasil.

A exposição anunciava *Quatro Novíssimos* e despertou a atenção da crítica no Rio, repercutindo também em São Paulo.

Rubens Navarra, na edição do dia 21 de abril do Diário de Notícias, externou seu "entusiasmo com a variedade e riqueza plástica de Grassmann, Andreatini, Octávio e Sacilotto e sua compreensão dos recursos gráficos do expressionismo", salientando "o admirável sentido de composição" dos quatro novíssimos.

Em São Paulo, Geraldo Ferraz registrou n'O Jornal do dia 30 de abril "a identidade que eles têm com o expressionismo".

Houve quem dissesse que, àquela altura, o expressionismo estava superado. "Mero engano - afirma agora Sacilotto. Eles entendiam que o expressionismo já teria concluído seu ciclo, quando na verdade ele é uma tendência permanente, que se renova e que está profundamente arraigada na sensibilidade humana". E continua: "Uma visão abrangente de história da arte mostra que o expressionismo pode ser detectado mesmo em manifestações pré-históricas, está presente no romantismo, no barroco, no gótico, nos movimentos contemporâneos de vanguarda. Ele está ligado aos momentos de crise e se manifesta sobretudo pelo protesto, não somente através da deformação da figura humana, mas também pela recusa do simplesmente bonito, pela aproximação com o fantástico e com o demoníaco".

A produção dos quatro novíssimos, exposta no Rio, era marcadamente influenciada pelo expressionismo alemão.

Os quatro transformaram-se em 19

Após o encerramento da mostra *Quatro Novíssimos*, no IAB do Rio, Sacilotto, Grassmann, Octávio Araújo e Andreatini decidiram realizá-la também em São Paulo. Maria Eugênia Franco colocou à disposição do grupo uma sala na Biblioteca Municipal. O espaço oferecido, todavia, era muito pequeno para acolher os trabalhos.

Partiu-se então para a procura de um espaço maior, finalmente conseguido: a Galeria Prestes Maia. Esse espaço, todavia, era muito grande. A solução foi convidar outros artistas para participarem da mostra.

A organização ficou a cargo de Rosa Rosenthal Zuccolotto e o patrocínio com a União Cultural Brasil - Estados Unidos. Para a escolha dos expositores funcionaram indicações de amigos, de parentes, de artistas que vinham se interessando pelas novas formas de expressão artística.

A mostra *19 Pintores* foi inaugurada dia 19 de abril de 47, atraindo um enorme público para a época: cerca de 50 mil pessoas a visitaram em 17 dias. Os críticos mais informados a viram com bons olhos.

O catálogo, muito bem feito para a época, foi prefaciado por Geraldo Ferraz, que afirmou: "esta é uma exposição de esperança".

Poucas vezes o crítico acertou tão em cheio. O grupo dos 19 era formado por Aldemir Martins, Antônio Augusto Marx, Cláudio Abramo, Enrico Camerini, Eva Liebllich, Flávio Shiro Tanaka, Rugguette Israel, Jorge Mori, Lothar Charoux, Luiz Andreatini, Luiz Sacilotto, Marcelo Grassmann, Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, Maria Leontina Franco, Mário Gruber Correia, Odetto Guersoni, Octávio Araújo, Raul Muller Pereira da Costa e Wanda Godoy Moreira. Poucos dentre os 19 não atingiram, nas décadas seguintes, consagração nacional ou internacional. Todos continuam vivos.

A importância dessa mostra histórica justificou a realização de duas outras, comemorativas dos 20 e dos 30 anos do evento, na Tema-Galeria de Arte e no Museu de Arte Moderna de São Paulo, respectivamente.